

O léxico obsceno na prosa medieval portuguesa

José Barbosa Machado
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

1. Introdução

É por demais conhecida a linguagem desbragada de algumas personagens das obras de Gil Vicente. O Parvo e o Sapateiro do *Auto da Barca do Inferno* são dois dos exemplos paradigmáticos. Poderá à primeira vista pensar-se que são casos isolados na literatura portuguesa anterior ao século XX. Acontece, porém, que a utilização de uma linguagem que hoje entenderíamos como obscena ou brejeira, atravessa toda, ou quase toda, a história da literatura portuguesa. Como veremos adiante, o ponto mais alto fixa-se na Idade Média.

No século XVI, temos o exemplo de Gil Vicente. No século XVII, todo ele cheio de salamaleques barrocos, surge, praticamente isolado, D. Tomás de Noronha, com sonetos pornográficos de uma linguagem sexualmente explícita que certamente fazia corar as senhoras dos salões. No século XVIII surge Bocage, com as suas composições pornográficas lidas e recitadas nos botequins de Lisboa. No século XIX, romântico e moralista, não há exemplos que possam servir de termo de comparação. Os autores, ou evitavam a linguagem obscena, ou substituíam-na por metáforas e eufemismos. Eça de Queirós, um dos romancistas mais ousados, emprega no romance *Os Maias* três vezes a palavra *prostituta*, outras três em *O Crime do Padre Amaro* e uma vez em *O Primo Basílio*. A palavra *barragã* surge uma vez em *O Crime do Padre Amaro*, num contexto que poderemos considerar indecoroso: «Afirmava-se então nas grossas roscas do pescoço da S. Joaneira, como para descobrir nelas as marcas das beijocas do cónego: ah! tu, não há dúvida, és "uma barregã de clérigo". Mas Amélia! com aquelas longas pestanas descidas, o beijo tão fresco!... Ignorava decerto as libertinagens da mãe.»

As palavras *prostituta* e *barregã* são, no entanto, o máximo que se pode encontrar e, embora pertencentes ao campo lexical da sexualidade, não poderão ser consideradas obscenas no sentido restrito. No século XX, depois de um longo período pseudo-moralista que termina em 1974, os escritores, na sua maioria, passam a utilizar todos os registos de linguagem disponíveis. António Lobo Antunes tem sido um dos escritores da actualidade que mais tem utilizado o calão

A linguagem obscena tem as suas origens no próprio homem, como aliás tudo o que foi criado pela sua imaginação e pela necessidade de sobrevivência. Os testemunhos literários vêm desde a Antiguidade até aos nossos dias. Na Idade Média, Giovanni Boccaccio (1313-1357), em muitas das novelas do *Decameron*, é sem dúvida o máximo expoente quer na utilização do léxico obsceno, quer na sua substituição por eufemismos e metáforas que ajudam à descrição de cenas pícaras, eróticas e pornográficas¹. A este processo chama Santo Isidoro de Sevilha *vocabuli translatis nominibus*, que consiste em substituir um termo sórdido ou obsceno por uma metáfora. Refere Cristina Álvares

¹ Justificando o estilo desabrido das suas novelas, diz assim o autor: «Se, porventura, surgem alguns pormenores ou alguma palavra mais liberal do que possa convir às mulheres beatas, as quais pesam mais as palavras do que os factos e procuram mais parecer do que ser honradas, digo-lhes que não mereço mais censura por tê-las escrito do que merecem geralmente os homens e as mulheres que passam o dia inteiro a dizer "buraco", "cavilha", "almofariz", "pilão", "salsicha", "mortadela", tudo palavras cheias de mau sentido» (Boccaccio, II, 1984: 298).

num seu estudo sobre o equívoco nalguns romances idílicos do século XIII que, «se a metáfora é a solução para o termo obsceno, isso significa que o termo obsceno é próprio, literal, decerto o mais próprio e literal que pode haver, de tal maneira que (quase) coincide com o referente num colapso do sentido. Daí o interdito que o exclui de toda a enunciação: a palavra obscena é sentida como o próprio real, a própria Coisa. Enunciá-la é passar por cima de convenções e mediações simbólicas» (Álvares, 1994: 260). E acrescenta a mesma autora: «Que a metáfora, utilizada para desviar a linguagem do obsceno, produza novas ambiguidades – e novas obscenidades –, é o resultado inevitável da intrincação das dimensões retórica e sexual da linguagem» (*Ibidem*).

2. O léxico obsceno na prosa medieval portuguesa

Na Idade Média, as Cantigas de Escárnio e Maldizer são uma das mais importantes fontes para o estudo do léxico obsceno. Pelo facto de já terem sido estudadas², centrámo-nos apenas na prosa medieval. Para isso servimo-nos de um *corpus* existente e por nós elaborado no âmbito do programa *Phrasis*³ para organizar o campo lexical⁴ da obscenidade. O *corpus* é constituído por um conjunto de textos e de obras, que vai desde os finais do século XII até meados do século XVI.

Através do motor de busca do programa *Phrasis*, verificámos a existência dos seguintes termos que, na linguagem actual, consideramos calão: *cornudo* (*Foro Real* de Afonso X); *cornudos* (*Crónica de D. João I*, parte I e II, de Fernão Lopes); *piça* (*Crónica dos Sete Primeiros Reis de Portugal*); *fideputa* (*Crónica Geral de Espanha de 1344*); *fideputas* (*Crónica de D. João I*, parte II, de Fernão Lopes); *fidesputas* (*Crónica de D. João I*, parte I, de Fernão Lopes); *puta* (*Foro Real* de Afonso X; *Crónica de D. João I*, parte I e II, de Fernão Lopes); *Livro das Histórias da Bíblia*); *puto* (*Vida e Feitos delRey Dom João Segundo* de Garcia de Resende); *putanheiro* (*Livro das Histórias da Bíblia*); *putarya* (*Livro das Histórias da Bíblia*); *foder* (*Crónica de D. Fernando* de Fernão Lopes); *fodudo* (*Crónica de D. João I*, parte I, de Fernão Lopes); *colhões* (*Sacramental* de Clemente Sanchez de Vercial); *cuu / cu* (*Crónica de D. João I*, parte I e II, de Fernão Lopes); *mijar* (*Crónica de D. João I*, parte I, de Fernão Lopes). Estes termos tinham na Idade Média a mesma carga pejorativa que ainda hoje mantêm e, excepto no *Livro das Histórias da Bíblia* e no *Sacramental*, surgem em contextos do anedótico ou do insulto pessoal, como veremos mais à frente.

Constatámos ainda a existência de outros termos que, pertencentes embora ao campo lexical da sexualidade, consideraríamos menos desabusados. São eles *barregã*, que surge amiúde nas crónicas de Fernão Lopes, na *Crónica Geral de Espanha de 1344*, no *Livro das Histórias da Bíblia*, no *Castelo Perigoso*, na *Demanda do Santo Graal* e no *Livro de Marco Polo*; *forniqueira*, *fornizio / fornicio*, *fornicação*, *fornicar*, que surgem, ora uns, ora outros, no *Foro Real* de Afonso X, na *Demanda do Santo Graal*, no *Livro das Histórias da Bíblia*, no *Tratado de Confissom*, no *Penitencial* de Martim Pérez, no *Sacramental* de Clemente Sanchez de Vercial, no *Castelo Perigoso* e no *Leal Conselheiro* de D. Duarte.

Passamos a apresentar os contextos em que o léxico obsceno ocorre.

² Américo António Lindeza Diogo publicou em 1998 um extenso estudo intitulado *Leitura e Leituras do Escarnh' e Mal Dizer*, em que trata, entre outras, a questão da obscenidade.

³ www.ipn.pt/literatura/phrasis.htm

⁴ Para a elaboração deste campo lexical, seguimos de perto a caracterização que Mário Vilela faz do mesmo nas obras: *Estruturas Lexicais do Português*, Coimbra, Livraria Almedina, 1979, pp. 60-62; *O Léxico da Simpatia*, Porto, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1980, pp. 217-219; e *Estudos de Lexicologia do Português*, Coimbra, Livraria Almedina, 1994, pp. 33-36.

No *Foro Real* de Afonso X surge uma vez o termo *cornudo* e outra o termo *puta*, ambos no mesmo contexto legislativo: «Qual quer que [deostar] outro ou lhy disser falso ou trehedor ou fudodinculi ou *cornudo* ou erege, ou a molher de seu marido disser *puta*, desdigao ante o alcayde e antos omes boos ao prazo que lhy poser o alcayde & peyte CCC soldos, a meyadade a al rey & a meyadade ao quereloso, [e] se negar ca nõno disse e non ho poderẽ prouar, saluesse como mãda a lee.»

Na *Crónica Geral de Espanha de 1344* surge uma vez o termo *fideputa*. Lopo Diaz, filho de Diego dAlpharo, volta-se para seu pai antes de partir para a batalha contra Miramolim e diz-lhe esperar que, depois da batalha, não lhe venham a chamar filho de traidor. O pai responde-lhe: «Chamarvos poden *fideputa* mas nõ de treedor, ca fio na mercee de Jhesu Cristo que taaes obras farey eu oge que en todo o mundo sera falado.»

Na *Crónica dos Sete Primeiros Reis de Portugal* (1419), diz o rei D. Afonso IV acerca da índole dos Portugueses: «Sabee sem duvida que tres cousas nunqua portugueses reçarom, convem a saber, usar de luyta e averem guera com castelhanos e demandar de boa mente molheres. E certeficovos que não ha muito tempo que mandei enforcar hum azemel de hum meu cavaleyro porque dormira com sua senhora, e não pasaram depois muytos dias quando outro homem de pequena conta a começava de demandar. E portanto os que gaboom os portugueses dizem deles que erom bõos de pee e de mão e de *piça*.»

Na *Crónica de D. Fernando* de Fernão Lopes surge uma vez o termo *foder*. O contexto em que ocorre insere-se no capítulo intitulado «Como foi trautada paz antre elrrei dom Henrrique e elrrei dom Fernando, e com que condições». Uma das condições era a obrigação de D. Fernando dar a sua filha em casamento, condição esta que o rei considerava difícil de outorgar. Servindo-se de um provérbio conhecido na época, «diziamlhe algũus que juras de *foder* nom eram pera creer: que jurasse ell foutamente este capitullo, ca nom minguaría quem tomasse por elle o pecado deste juramento sobre ssi.»

Na primeira parte da *Crónica de D. João I* de Fernão Lopes surgem os termos *puta velha* (2 vezes) e *fodudo no cuu* num contexto que, não fosse o cronista contá-lo como autêntico, seria pura anedota. Conta Fernão Lopes que a vila de Portel, havendo tomado o partido de Castela, foi cercada por Nuno Álvares Pereira, que acabou por obrigar Fernão Gonçalves, o seu fronteiro, à rendição. Fernão Gonçalves, que «era o mais saboroso homem que em Portugall avia, e mui sollto em suas pallavras», foi autorizado a partir com a mulher para Castela. Acrescenta o cronista: «Quamdo Fernam Gomçallvez e sua molher ouverom de partir da villa, pero pouco prazer tevesse, começou dizer que lhe chamassem as trombas pera tamger, dizemdo a sua molher: "Amdaa per aqui, boa dona, e hiremos balhamdo, vos e eu, a ssoom destas trombas; vos por maa *puta velha*, e eu por villaão *fodudo no cuu* ca assi quisestes vos.» Em seguida, a personagem sugere que será melhor que ambos cantem:

Pois Maria baillou,
tome o que ganhou;
melhor era Portell e Villa Ruiva,
que nom Çafra e Segura,
tome o que ganhou,
dona *puta velha*.

No capítulo da mesma crónica intitulado «Per que modo tinham hordenado de matar ho Meestre, e descubriam seus segredos», surgem os termos *fideputas cornudos*: «E mais lhe faziam saber, que omde sse possesse alguũ dos seus, e começasse de doestar os da villa, açenamdo com a mão, que per alli hia a cava; e assi o faziam de feito que

lhe chamavom *fidesputas cornudos*, vassallos do alfenado, fazemdo lhe certas sinaaes, per que os avisavom de todo, de guisa que com esto e com o maa comsselho que ao Meestre davom, em todallas cousas que comtra elles fazia, seus trabalhos aproveitavom pouco.»

No capítulo, também da mesma crónica, intitulado «Das cousas que passavom os dAlmadaã per mingua dagua», surge a forma *mijavom*. D. João I cercara a vila e os habitantes começaram a sofrer a ter falta de água. Diz o cronista «que demtro na villa eram huñs quareemta cavallos, afora outras bestas de serventia; e quamdo lhe a agua foi mingumdo, ouverom comsselho de nom darem de beber aas bestas; e foi tamta a sede em ellas, que alli homde *mijavom* os homeês, hiam as bestas chuchar, e comiam aquella terra molhada.»

Na segunda parte da *Crónica de D. João I*, surgem novamente os termos *fideputas cornudos* no capítulo que narra a fuga do rei de Castela para Santarém após a derrota do seu exército na batalha de Aljubarrota. Conta o cronista que, os que tinham o encargo de prover aos aposentos do rei, mandaram aos servos portugueses que os limpassem. «E amdando varremdo hũa sala em que el Rey era de presente, foy huñ seu escudeiro e deu huñ graõ couçe a huñ portugues daquelles que variaõ e dise: *Varer azinnha pera fideputas cornudos*.» O rei não gostou do insulto e repreendeu o escudeiro: «Deixaios, deixaios muito em ora ma que os portugueses saõ boõs e leãis e naõ avees porque lhe ffazer mal, que quoantos foraõ em minha companhia eu hos vy morrer todos antemỹ e os meus me roubaraõ a coroa de minha cabeça.»

Também na segunda parte da mesma crónica surge uma vez o termo *puta*. O contexto é retirado do capítulo intitulado «Como foi tomado Badalhouce». Os Portugueses arrançaram um estratagema para entrarem na vila com a ajuda do porteiro. Mas a mulher do porteiro descobriu e tentou dar o alarme, o que levou um dos Portugueses a proferir o insulto. Diz o cronista: «E ella, quoamdo os vio, apertou as mãos e dise: "Jesus, que nora malla es esta!" Guomçalle Annes emtam lhe lamçou mão da gargumta rijo, de guisa que a feez pousar amte sy, e dise loguo ao seu homem: "Trazes tu punhall ou adagua? – Sy, traguo", dise elle. – "Pois deguolla esta *puta*, nam brade". – "Señor Guomçalle Annes", dise ella, "nam me mates; yo me callare!" E elle ouve della doo, e meteo a na casa e hapagoulhe a camdeia, e deu a em guarda ao seu homẽ.»

Ainda na segunda parte da mesma crónica, no capítulo intitulado «De como hos da cidade de Lixboa foraõ receber as bandeiras que lhe el rey emviou e da preguaçã que hũ frade fez», surge o termo *cu*. O frade, na pregação, refere um conjunto de sinais miraculosos que, na sua opinião, auspiciavam a elevação ao trono do Mestre de Avis. Um dos sinais é descrito do seguinte modo: «Quẽ costramgeo a boqua da filha dEsteve Anês Derreado, morador em Evora, moça pequena de oito meses nada, que no berço homde jazia se levamtou ã *cu* tres vezes, dizemdo cõ a maõ alçada: "Portuugual, Portugal, Portugal, por el Rey dom Joã"?»

Na *Vida e Feitos delRey Dom João Segundo* de Garcia de Resende, obra datada de 1533 e contemporânea de Gil Vicente, surge o termo *puto* com a significação de invertido ou pederasta passivo. Conta Garcia de Resende que Monsenor de Escalas irmão da rainha de Inglaterra participar na tomada de Granada e regressou por Lisboa, onde o rei D. João II lhe fez muita honra e mercê. Quando voltou, o rei de Inglaterra perguntou-lhe qual foi a coisa que melhor lhe parecera em Portugal. Ele respondeu-lhe que vira uma «de que vinha muy sastifeyto, a qual era ver hum homem *que* mandava todos e ninguem mandava a elle. E isto dizia elle por elrey Dom Joam, o qual foy sempre tanto contra sua condiçam ser mandado que disse hum dia, *que* por menos mal

averia a hum rey ser *puto* ou erege que eram as piores partes que podia ter que ser mandado.»

No *Livro das Histórias da Bíblia* (de meados do século XIV) surgem os termos *puta*, *putanheiro*, *putarya* e, menos forte, *testicolos* e *sua natura*, em três contextos diferentes. Os dois primeiros contextos ocorrem no capítulo «Das leis que o senhor Deos deu aos judeus no momte Synay per Moyses», retiradas do livro do Deuteronomio. Uma das leis diz o seguinte: «Nam emtrara o çujo ou sovalhados ou *cortados os testicolos ou sua natura* em a cassa do senhor, nem emtrara manzil e naçido de *putanheiro* em cassa do senhor ate deçima geraçam». Esta passagem é bastante fiel à da Vulgata, onde se baseou: «non intrabit eunuchus adtritis vel amputatis *testiculis* et absciso *veretro* ecclesiam Domini non ingredietur mamzer hoc est de *scorto* natus in ecclesiam Domini usque ad decimam generationem» (Deut. 23, 2-3). O termo *testiculis* foi traduzido por *testicolos*, *veretro* (de *veretrum*, órgãos sexuais masculinos) por *sua natura* e *scorto* (de *scortum*, homem prostituto), por *putanheiro*. A tradução portuguesa dos Capuchinhos afasta-se significativamente quer de uma, quer de outra, optando o tradutor por termos mais inócuos: «Aquele que se tornou eunuco, por acidente ou por mutilação, não será admitido na assembleia do Senhor. O filho ilegítimo também não será admitido na assembleia do Senhor; nem mesmo a sua décima geração poderá ser ali admitida.»

Outra das leis diz o seguinte: «Nam sera *puta* das filhas de Isrrael nem *putanheiro* dos filhos de Israel nem offereças merçe de *puta* nem preço de cam em a cassa do senhor Deos teu porque abominaçam e çugidade he açerqua do senhor Deos teu.» Esta passagem é bastante fiel à da Vulgata: «Non erit *meretrix* de filiabus Israhel neque *scortator* de filiis Israhel, non offeres *mercedem prostibuli* nec pretium canis in domum Domini Dei tui quicquid illud est quod voverint quia abominatio est utrumque apud Dominum Deum tuum non fenerabis fratri tuo ad usuram pecuniam nec fruges nec quamlibet aliam rem» (Deut. 23, 18-19). O termo *meretrix* é traduzido por *puta*, *scortator* por *putanheiro* e *mercedem prostibuli* (de *prostibulum*, *prostíbulo*, *lupanar*, mas também *prostituta*, *meretriz*) por *merçe de puta*. A tradução portuguesa dos Capuchinhos é bastante mais suave nos termos utilizados: «Não haverá prostituta sagrada entre as filhas de Israel, nem prostituído sagrado entre os filhos de Israel. Não levarás à casa do Senhor, teu Deus, como oferta votiva de qualquer espécie o salário de uma cortesã ou o que receberes em troca de um hierodulo porque, uma e outra coisa, são abominadas pelo Senhor.»

O terceiro contexto ocorre no Livro de Job, capítulo XIX: «Se o meu coração foy emganado sobre molher e se assechey aa porta do meu amigo, seja a *minha molher putarya de outrem e sobre ela se deytem outros*; ca isto he grande maldade e grande aleive; e he fogo que destrue ate o acabamentoo de todo e que arranca todallas gerações.» Esta passagem é bastante fiel à da Vulgata: «Si deceptum est cor meum super mulierem et si ad ostium amici mei insidiatus sum *scortum* sit alteri uxor mea et super illam incurventur alii hoc enim nefas est et iniquitas maxima ignis est usque ad perditionem devorans et omnia eradicans genimina» (Job 31, 9-12). A palavra latina *scortum* significa neste contexto *meretriz*, podendo por isso ser traduzida por *putarya*. Já na tradução portuguesa dos Capuchinhos, para evitar o termo indecoroso, o tradutor optou por uma metáfora: «Se o meu coração se deixou seduzir por uma mulher e estive à espreita à porta do meu próximo, *que a mulher gire a mó para outro* e que os estrangeiros a possuam! Porque é um grande crime e uma iniquidade horrenda, fogo que devora até à destruição e que arruinará todos os bens.»

O *Sacramental* (1488) e o *Tratado de Confissom* (1489), pelo facto de serem manuais religiosos para o uso dos clérigos com cura de almas, onde estes poderiam tirar

dúvidas a respeito da doutrina da Igreja, particularmente no que diz respeito às orações, aos sacramentos, aos mandamentos, aos pecados mortais e às obras de misericórdia, contêm um sem número de referências à vida sexual dos fiéis cristãos em forma de conselhos, proibições, regras e exceções, numa tentativa de a controlar de acordo com a moral então vigente. Ângela Mendes de Almeida considera que uma das características do estilo deste género de manuais «é o seu tom francamente desabusado [...] tom que os aproxima, apesar da intenção piedosa, das actuais publicações pornográficas. Não apenas porque, como o havia detectado o senso de pudor do século XIX, usam palavras cruas e directas, como porque imaginam e descrevem os pecados com minúcia» (Almeida, 1994: 62). Descontando o facto de esta opinião se dever a certo preconceito em considerar obsceno determinado vocabulário utilizado no âmbito sexual ou à descrição de determinada prática sexual, preconceito este que não existiria na época em que estes manuais foram redigidos, pelo menos de acordo com os moldes actuais, o que é certo é que são frequentes as passagens que podem de algum modo considerar-se obscenas, ou com carga semântica obscena.

No *Tratado de Confissom*, embora não haja nenhum termo que possamos integrar no campo lexical da obscenidade propriamente dita, há inúmeras passagens que podem ferir a susceptibilidade do leitor actual. É usual a utilização de metáforas, eufemismos ou termos eruditos para mencionar as práticas sexuais. Damos alguns exemplos: *sua natura*, para designar o sexo masculino; *membro*; *estormento*; *fazer lixo*, ou seja, ejacular fora do vaso; *polucom*; *pecado contra natura*; *pecado sodomítico*; *apalpamento*; *apalpar as mulheres*; etc.

Num dos capítulos a propósito do sexto mandamento, transcrito como «nom fornigaras», em vez do actual recitado «guardarás castidade nas palavras e nas obras», o tratadista, sem cair no tom desabusado, mas também sem deixar de tratar as coisas pelo próprio nome, enumera dezasseis perguntas que o confessor deveria fazer ao ou à penitente:

A primeyra com quem fez adulterio. A segunda quantas uezes e cõ quaes pessoas. E se for molher a que se confessa pregûtelhe se ouue alguû auer dalguû homem que perteecece a ygreia ou o mosteiro. A terceyra se for homem pregumtelhe quantas foram as molheres casadas ou uirgens ou uihuuas ou dordem ou con quamtas parentas suas fornigou ou com quantas solteyras da mancibya e se outrosy dormio con alguna sua cunhada. A quarta se fez aquel pecado se nom como he custume de se fazer. Ou se andaua cada hũa desas molheres con sua frol porque este pecado he muyto graue. A quinta se se aiuntou a sua molher saluante por fazer filhos de beêcom porque as uezes o casado pode pecar mortalmente cõ sua molher. A sexta se ouue polucom. A septyma se fez esto em logar sagrado. A oytaua se o fez em dias sanctos ou de ieiũs. A .ix. se iazia nuu com a molher nua. A .x. se era fremosa se fea. A .xi. se o faz em ieiuum se depois de comer. A .xii. se cobiçou alguna que nom podese auer. A .xiii. se a alcouetou alguem. A .xiiii. se iouue con ellas trebelhamdo. A .xv. se prometeo de casar com alguna molher seemdo seu marido uiuo. A .xvi. faça pergunta a pesoa se he casada e se o he dereytamente.

No *Tratado de Confissom*, o pecado da luxúria é o que tem um número de penitências mais extenso, quer pela gravidade do pecado, quer pela variedade, quer pelas condições e circunstâncias em que é praticado. Pelo facto de a passagem ser demasiado extensa, transcrevemo-la com supressões:

Item todo homẽ que tomar sua natura na maano e faz lixo esto he pecado comtra natura. E por quantas uezes o fezer iaiũe .xv. sextas feiras a pã e agua por cada hũa uez. Itẽ todo homẽ que meter sua natura ãtre suas pernas

ou doutro homẽ e fezer lixo este outrosi he pecado muy maaõ e desapraz com el muyto a Deus e deue por cada uez iaiũar quinze sestas feyras a pam e agua [...]. Item todo homẽ que faz fornizio com besta deue ieiũar duas coresmas a pam e agoa e a primeyra deue ieiunar a porta da ygreia se poder. E se esto fezer com muytas bestas deue dauer moor peemdemça e deue de ieiũar as sestas feyras por sete anos. [...] Outrosy o macho que este pecado fezer ẽ na molher outra tal peẽdẽça faça tirãdo das sete coresmas iaiũe as duas a pã e agoa pois logar ha departido para aquelo fazer, em outro logar o faz moor pecado faz. Outrosy todo homẽ que faz aquela poluçõ cõ sua mãõ ou cõ outro mẽbro, iaiũe sete coresmas [...]. Se macho fezer luxuria cõ besta pello logar de besta, iaiũe sete coresmas. [...] Se uarõ se poser com molher, cõ aquele stormento que soẽ a fazer as molheres para comprir sua maldade tal pena sofra como aquel que fez pecado sodomitico, e a molher que pecado sodomitico sofrer. A molher que se soper a besta, iaiũe .xiiii. coresmas a pã e agoa tirãdo os domĩgos nẽ uista panos de linho nẽ este ẽ egreia. [...] E da molher que iouuer cõ outra molher cõ aquel estormẽto que fazẽ as molheres, iaiũe sete coresmas a primeira a pã e agoa.

Nesta passagem, temos referẽncia à masturbação, à homossexualidade masculina e feminina, à sodomia, à bestialidade e à utilização de artefactos sexuais.

O *Sacramental*, bem mais discreto na enumeração dos pecados da luxúria, quiçá para evitar que a própria obra caísse em mãos erradas, ensinando pela leitura o que não se sabia pela prática, não deixa todavia de ser também ele um repositório de referências à vida sexual. Termos como: *meretrix*; *mulheres publicas*; *mulheres do mũdo*; *maas mulheres*, *puluçon*; *puluçõees*; *cousas çujas e torpes*; *sua natura*; *pecado contra natura*; *sodomia*; etc.

No que se refere ao pecado da luxúria, a passagem mais significativa ocorre no capítulo «da maneira como ho homen sse deue confessar»:

Pequey por luxuria ẽ obra por fornicacion con molher solteira ou viuua ou cõ corrupta ou por adulteryo cõ molher casada ou por inçesto cõ parenta ou cõ mõja. Outrosi en logar sagrado hũa ou muytas vezes em tempo santo, asi como ẽ jejuũs ou festas e alguũas vezes por delecte ou por proueyto ou por malquerẽça fyz força alguũa tangendo ou tocando con as mãaos, ẽ diuersas maneiras me mouia a pecar e por espeçias quemtes procurey luxuria, fiz alguũas cousas ou algũa arte por *que* mais me delectase na luxuria, por meu aqueyxamento e siguimento algũas molheres cayrõ en este pecado, muytas vezes foy honde as molheres estauan polas enganar con palauras fageyras e de jograrias e por signaes de olhos, polo qual muytas puluçõees me aqueçerõ velando e dormindo.

Há, no entanto, ao longo da obra referências esporádicas às práticas sexuais. Numa delas é utilizado um termo obsceno: *colhõees*. O contexto em que ocorre é retirado da explanação dos impedimentos ao matrimónio: «Ho que he crastrado de todo que non ten *colhõees* que lhe forom cortados despois que nação sen elles non pode casar, por quanto non pode dar o diuedo que se rrequere no matrimonio.» Na edição castelhana impressa em Sevilha em 1477, esta passagem surge transcrita do seguinte modo: «El que es castrado del todo que no tiene *testiculos* que le fuerõ cortados despues que nascio. O nascio sin ellos non puede casar por quãto nõ puede dar el debdo que se requiere en el matrimonio.»

Noutra passagem, o autor chama a atenção para a possibilidade de os adolescentes, pela sua malícia, poderem engravidar uma mulher. Começa por referir que os moços pecam de cinco maneiras. Na última, os moços pecam «cometẽdo fornicaçõ e adulterio.» E explica porquẽ: «Ca algũas vezes [em] esta ydade a maliçia anteçipa. Ca se lee no dialego de ssam Gregorio que huũ moço de noue annos *emprenhou* a ama que

ho criaua. E dizem que Salamon seëdo de onze annos geerou huñ filho. Como quer que as taees cousas espiçiaees nom deuẽ ser trazidas a consequẽcia.»

No entanto, os pecados da luxúria cometidos pelos homens, sejam moços ou adultos, comparados com os das mulheres, são menos graves. E a razão é simples: as mulheres são muitas vezes a causa de os homens pecarem. É que, como diz Clemente Sanchez de Vercial, «a luxurya da mulher pior he *que* ha do homen».

3. Conclusão

Há testemunhos da utilização do léxico obsceno na poesia trovadoresca (Cantigas de Escárnio e Maldizer) e na prosa medieval portuguesa. Esta utilização na prosa não se limita apenas a determinado tipo de textos e a determinada temática. O léxico obsceno surge ora em obras de cariz historiográfico, ora em obras de cariz moral e religioso, como os manuais de teologia pastoral e os próprios textos bíblicos. A carga semântica desse léxico não difere, a nível geral, da carga que hoje ainda tem no âmbito do calão utilizado em determinados contexto que, na visão actual, se considera marginal e fora dos bons costumes e da boa educação. Nos textos onde detectámos o léxico obsceno, a carga semântica de obscenidade parece não inquietar os seus autores, que o empregam sem grandes, ou nenhuns preconceitos, ao lado do léxico mais pudico ou apudorado.

Bibliografia

Almeida, Ângela Mendes de, 1994, *O Gosto do Pecado. Casamento e Sexualidade nos Manuais de Confessores dos Séculos XVI e XVII*, Lisboa, Rocco.

Álvares, Cristina, 1994, «O equívoco nalguns romances idílicos do século XIII», in *Diacrítica*, Universidade do Minho, nº 9, pp. 259-279.

Bíblia Sagrada, 1984, 11ª ed., Lisboa, Difusora Bíblica (Missionários Capuchinhos).

Boccaccio, Giovanni, [1984], *Decameron*, vol. II, Mem Martins, Publicações Europa-América. Tradução do italiano de Fernando Melro.

Diogo, Américo António Lindeza, 1998, *Leitura e leituras do Escarnh' e Mal Dizer*, s.l., A.A.L.D.

Machado, José Barbosa, 2003, *Tratado de Confissom – Edição Semidiplomática, Estudo Histórico e Informático-Linguístico*, Braga, APPACDM.

——— 2004, *Tratado de Confissom – Edição Actualizada, Glossário e Listagem de Palavras*, Braga, APPACDM.

Programa Phrasis, versão 1.5, Projecto Vercial, 2004.

Vilela, Mário, 1979, *Estruturas Lexicais do Português*, Coimbra, Livraria Almedina.

——— 1980, *O Léxico da Simpatia*, Porto, Instituto Nacional de Investigação Científica.

——— 1994, *Estudos de Lexicologia do Português*, Coimbra, Livraria Almedina.

Vulgata, 2000, publicada por *The World from Online Bible*, versão 1.0, Ontario, Timnathserah Inc.